
SOBRE FRAGMENTOS DO DIÁRIO DE NAUFRÁGIO



Fragmentos do Diário de Naufrágio é um pequeno livro de poemas de Cid Seixas com uma particularidade: resulta do seu interesse pelas artes gráficas e foi composto e impresso de forma artesanal pelo próprio autor, com uma tiragem de apenas cinquenta exempla-

res, enviados a poucas pessoas. Publicado em Salvador, em 1992, quatro anos depois seus fragmentos são incluídos em uma das partes do livro *Espelho infiel*, saído em 1996, pela Diadorim Editora Ltda do Rio de Janeiro.

COMENTÁRIOS DE J. A. BARROSO E DE JORGE AMADO

Trata-se de um jogo intertextual ou de uma salutar brincadeira com os versos seguintes de Paul Valéry, que dizem:

Um homem sério não tem ideias.

Um homem de ideias nunca fica sério.

Os dois versos iniciais do poema de Cid Seixas intitulado “Primeiro fragmento” dizem o seguinte:

“Todos os poemas que eu gosto
não são sérios: são poemas.”

Estaria o nosso autor usando a autoridade do grande poeta e pensador simbolista, nascido na França, para construir uma nova teoria ou uma esperta filosofia da composição?

Podemos afirmar que, desde o primeiro e incipiente livro *Temporário*, Cid Seixas já pensava o mundo e a arte através dos versos. O ensaísta de amplos recursos, referentes tanto ao domínio do conhecimento quanto ao uso sabroso da linguagem, já estava presente nos primeiros poemas. Desse modo, podemos acompanhar uma trajetória consciente em bem realizada.

Este novo livro, constituído por um número avaro e reduzido de versos, confirma uma tendência que se tornou uma marca e uma garantia de qualidade. Os versos densos – e, por vezes, difíceis de se deixar compreender em uma primeira leitura – exigem sempre a persistência do leitor, até serem compreendidos no muito que têm para dizer.

José Augusto Barroso

Apenas desembarco na Bahia, reencontro o poeta e o romancista, a poesia e a ficção são parte da realidade mágica da cidade, estão na praça pública. O poeta Cid Seixas, a poesia despojada, reduzida à essência, por isso mesmo engrandecida. (...)

A poesia e o romance me acompanham na aventura rara do lazer, completam a praia e o mar, o rio, o coqueiral dão sentido e consequência à beleza da paisagem. Dão-me a alegria da aposta ganha, do acerto no julgamento quando os dados eram ainda incompletos e a resposta duvidosa. Apostei no poeta e no romancista em tempos passados, quando Cid e Guido eram jovens no início da batalha para afirmar a vocação e transformá-la em ofício, o difícil ofício de romancista, por vezes cruel, o mágico ofício de poeta, por vezes diabólico. Acertei com o poeta e com o romancista, leio os livros recentes, felicito-me, cumulado estou na dupla qualidade de leitor e de amigo.

Acompanho a caminhada do poeta, ensaísta e professor Cid Seixas desde os seus começos, vai tempo. O jovem intelectual trabalhava a literatura portuguesa sob a égide de Hélio Simões, um dos grandes do modernismo baiano, remanescente do “Arco & Flexa”, conhecedor profundo das letras de além-mar, doce criatura. Cid iniciava igualmente a aventura fundamental da poesia que eu, naqueles antanhos, saudei na medida da emoção contida e de beleza grave. Hoje, reencontro o poeta no volume dos *Fragmentos do Diário de Naufrágio*, quando alcança a altura da simplicidade complexa e densa, quando o despojamento é a medida do poema. Eu o reencontro e o situo entre os primeiros, os definitivos – o pequeno livro enche-me as medidas.

Arquitetura de luz tão cintilante / que a si mesma incendieia, eis a poesia de Cid Seixas. Os poetas são poetas porque sabem: Cid aprendeu a verdade e a mentira, “tecelão da matéria abstrata”.

Poderia citar cada verso dos poemas, nesses fragmentos o criador e o homem se definem e se revelam: “O poeta é aquele que ressurgue”. Obrigado, Cid, pela beleza do pequeno livro, cujo único defeito é sair numa edição fora de comércio, de apenas cinquenta exemplares, quando exige edição normal ao alcance de todos os leitores que desejam viver a graça da poesia. (*A Tarde*, 24 de abril de 1993)

Jorge Amado

